

# ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP

ISSN: 2526-7892

ARTIGO

## SURREALISMO E PSICANÁLISE: O INCONSCIENTE E A PARANOIA<sup>1</sup>

*Lúcia Grossi dos Santos<sup>2</sup>*

**Resumo:** O texto propõe um percurso histórico sobre as relações entre psicanálise e surrealismo através dos encontros e desencontros de quatro personagens: Freud, Breton, Dalí e Lacan. Através destes personagens arte e psicanálise se aproximam e se distanciam ao tratarem de temas como: o inconsciente e a linguagem, o apagamento ou a afirmação do eu, o significante e a imagem como fundamentos da realidade.

**Palavras-chave:** surrealismo; psicanálise; paranoia; automatismo.

**Abstract:** This paper follow an historical path on the relations between psychoanalysis and surrealism through the meetings and misunderstandings of four characters: Freud, Breton, Dali and Lacan. Through these characters, art and psychoanalysis approach and distance themselves when they deal with topics such as the unconscious and the language, the erasure or affirmation of the self, the signifier and the image as foundations of reality.

**Keywords:** surrealism; psychoanalysis; paranoia; automatism

---

<sup>1</sup> Surrealism and psychoanalysis: the unconscious and paranoia

<sup>2</sup> Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1985), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1993) sob orientação do Dr. Jeferson Machado Pinto, DÉA em Psychanalyse - Université de Paris 8 (1995) sob orientação do Dr. Gérard Wajcman, e doutorado em Psicologia - Université de Paris 7 (2000) sob orientação do Dr. Paul-Laurent Assoun. Atualmente é professor Titular da Universidade FUMEC. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em PSICANÁLISE, atuando principalmente nos seguintes temas: psicose, psicanálise, acompanhamento terapêutico, adolescente infrator e sintoma. Endereço de email: [luciagsantos60@gmail.com](mailto:luciagsantos60@gmail.com)

A princípio poderíamos dizer que a relação entre surrealismo e psicanálise tem dois tempos: o primeiro seria a tentativa de aproximação de Breton em relação a Freud, momento em que o escritor surrealista vai em direção ao psicanalista, em 1921. Num segundo tempo, temos a tentativa de aproximação de Lacan em relação ao surrealismo, momento em que o jovem psiquiatra vai visitar Dalí, em 1931. O que domina no primeiro tempo é o interesse do surrealismo pelo inconsciente, mais além do Eu da consciência. No segundo tempo, o que interessava ao jovem psiquiatra era a questão da paranoia e sua relação com a personalidade, ou seja, o Eu.

Podemos afirmar, no entanto, que a paranoia está no início da formulação da psicanálise, não propriamente como um tema clínico, pois sabemos que é a histeria que domina. É no nível da relação pessoal e não profissional que a paranoia está presente na “invenção” da psicanálise: a relação de Freud com Fliess.

No capítulo 2 do seu livro *O que quer uma mulher?* Serge André nos apresenta o tema da sexualidade na psicanálise com o seguinte título: “A Ciência paranoica da relação sexual”. Ele nos lembra que:

(...) o drama inicial da psicanálise se desenrola na relação entre Freud e seu amigo Fliess, de 1887 a 1902. (...) o laço entre os dois homens é tecido menos em razão de suas qualidades respectivas do que em função de uma certa relação ao saber que, por tomar a sexualidade como meta, se transforma em relação amorosa, na qual cada um se apaixona por aquilo que supõe no outro (ANDRÉ, 1987, p.31)

Freud se afastou de Breuer que não queria saber nada da “coisa sexual”. Fliess, ao contrário, sabia e logo propõe a relação entre o nariz e os órgãos genitais femininos. Freud intuía algo da relação entre sintoma e sexualidade, mas sem localizar isso biologicamente. No entanto, a certeza paranoica de Fliess o hipnotiza. Lembremos que Freud não era apenas amigo e confidente, ele era paciente de Fliess, endereçava a ele seu mal-estar corporal e mental. Segundo André:

(...) ele constatou que certas partes do nariz se encontram alteradas quando da menstruação, esta última se manifestando nele por congestão, aumento da sensibilidade ao contato ou tendência ao sangramento. Ele chama, então, a essas partes, as “localizações genitais do nariz” e, já que elas incham durante a menstruação, designa aí verdadeiros corpos eréteis, “absolutamente semelhantes”, escreve ele, “aos que se encontram, por exemplo, no clitóris (ANDRÉ, 1987 p. 33)

## O INCONSCIENTE: A VIA ABERTA PELO SONHO

A certeza paranoica de Fliess encantava Freud que se via isolado dos primeiros mestres (Charcot, Breuer). O que desperta Freud dessa posição alienada é o encontro com os sonhos. As pacientes queriam falar deles e não apenas de sintomas: queriam falar livremente. Assim a hipnose e a sugestão são gradativamente abandonadas em proveito da associação livre e Freud se interessa por seu próprio sonho, o sonho da Injeção de Irma, e se põe a anotar tudo que lhe

vem à cabeça. Ele se deixa levar pela associação livre e é aí que ele encontra o seu ponto de certeza, e o enuncia assim: “O sonho é realização de desejo.” Dito de outro modo, o sonho torna real, dá forma de realidade (via a imagem) a um pensamento. Ora, um pensamento que tem força suficiente para colocar em marcha os processos de condensação e deslocamento, mecanismos de linguagem que permitem cifrar, só pode ser um desejo, conclui Freud.

Da data do primeiro sonho interpretado (24 de julho de 1895) até a publicação da *Interpretação dos sonhos*, foram 4 anos e meio de trabalho. Foi um atravessamento, pois a partir daí ele constrói uma teoria do funcionamento inconsciente e pode apresentar, no último capítulo, sua teoria do aparelho psíquico, o início do que chamamos primeira tópica. O livro quase não vendeu, mas ele tinha o trabalho clínico com seus pacientes e também sua auto-análise<sup>3</sup> para sustentar sua hipótese.

Fliess não se entusiasma com o livro e chama Freud de leitor de pensamentos, ou seja, o acusa de paranoico, de não ser científico. Sabemos que após a publicação da *Interpretação dos Sonhos* a relação com Fliess se deteriora progressivamente, terminando com as acusações de Fliess a propósito do roubo de suas ideias. A ideia roubada em questão era a da bissexualidade. Segundo Mannoni, Fliess sai desta relação com um delírio de saber, enquanto Freud encontra um saber sobre o delírio sob a forma da interpretação dos sonhos (1969, p. 116).

Após sua ruptura com Fliess, Freud não vai se isolar, ao contrário, vai ampliar o número de interlocutores, instituindo os encontros de quarta-feira à noite. Freud submete suas ideias e achados clínicos inicialmente a 4 pessoas que se reuniam com ele para discutir a psicanálise semanalmente em sua casa, nas noites de quarta-feira. É curioso como este primeiro grupo de 4 colaboradores<sup>4</sup> vem funcionar como alternativa aos impasses da relação dual experimentada primeiramente com Breuer e depois com Fliess.

Na verdade, a hipótese de Freud era bem mais “louca” que a de Fliess para os padrões científicos, primeiramente porque ele parte de imagens alucinadas e em segundo lugar porque apenas o sonhador pode propor significações para as imagens. Tais imagens representam pensamentos e o relato do sonho restitui a dimensão da palavra. Assim o saber sobre o sonho só pode ser construído pelo próprio sonhador, nas suas lembranças, no fio de suas associações.

Mesmo com a ausência de reconhecimento diante de sua “grande descoberta”, Freud não recua e segue seu projeto de investigação das manifestações do inconsciente. Um ano depois da publicação da *Interpretação dos sonhos*, Freud amplia sua pesquisa sobre o funcionamento inconsciente abordando o que ele chamou de *Psicopatologia da vida cotidiana*, tratando aí de outras formas de manifestação do inconsciente: esquecimento, erros, atos-sintomáticos. Mas Freud não esquecerá a

---

<sup>3</sup> Lembremos que a auto-análise começa justamente com a interpretação deste primeiro sonho, que ficou conhecido como O sonho da injeção de Irma.

<sup>4</sup> Lacan, tempos depois propõe uma forma de se trabalhar na instituição psicanalítica em pequenos grupos (4 +1) o que ele vai chamar de Cartel. Este seria um dispositivo que, segundo Miller estaria nas antípodas do curso magistral e favoreceria o trabalho de cada um.

sexualidade, ele vai reencontrá-la na narrativa de seus pacientes adultos como sexualidade infantil. Nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), podemos reconhecer o pilar que faltava: a teoria da pulsão (conceito-mito) que retoma a noção de estímulo do *Projeto para uma psicologia científica* (1895), o que faz entrar em cena o corpo erógeno. Esta obra pode ser vista como um tratado sobre o gozo.

É preciso lembrar ainda que Freud extrai a sexualidade infantil não da observação de crianças, mas das lembranças de adultos em análise. No ítem 5 do Segundo Ensaio temos desenvolvido o tema das “Pesquisas sexuais da infância”, onde Freud nos diz que não é por interesses teóricos e sim práticos que as atividades de pesquisa começam a se desenvolver nas crianças. As 3 teorias (ou fantasias) podem ser pensadas como uma defesa paranoica do Eu frente ao insuportável da diferença sexual, ou dito de outro modo, a não inscrição do sexo feminino na imagem do corpo. São elas:

1. Todos tem pênis, o das meninas vai crescer.
2. Teoria do nascimento pelos intestinos, pelos seios, pelo umbigo.
3. A concepção sádica da relação sexual: a mãe estaria sendo maltratada e não penetrada.

A hipótese então é que o inconsciente não conhece a diferença sexual. Mas isto não impede que o sujeito pense, que ele fantasie, que ele construa teorias.

## A LIÇÃO DE SCHREBER: O CONHECIMENTO É PARANOICO

Aquele que já leu *O Projeto para uma psicologia de Freud* tem uma estranha sensação ao ler o primeiro capítulo das *Memórias de um doente dos nervos* do Presidente Schreber, porque sua descrição do psiquismo se parece muito com a de Freud no *Projeto*. Este saber certamente vem do pai de Schreber, que era um médico de renome na Alemanha, inventor de uma ginástica, mas também de aparelhos para recuperação da musculatura que concernem ao campo do que chamamos hoje de fisioterapia<sup>5</sup>. O encontro com o texto de Schreber desencadeia para Freud um vigoroso trabalho subjetivo.

A partir da correspondência com Ferenczi tomamos conhecimento de que o estudo sobre Schreber foi realizado por Freud “como uma luta contra os complexos interiores”. Nesta correspondência Freud fala claramente de sua relação com Fliess, justamente porque a demanda de reciprocidade endereçada por Ferenczi o embarçava terrivelmente. As cartas de outubro de 1910 sobre os dias passados juntos na Holanda no final de agosto, falam muito de expectativas frustradas, de

---

5 Há uma versão francesa do livro de D.G.M. Schreber *Gymnastique de Chambre Médicale et Hygiénique* editada por Lise-Ornicar? Em 1981, que reproduz a edição francesa de 1883, na sua quinta edição, que por sua vez traduziu a décima quinta edição em alemão. Sobre a família Schreber remetemos o leitor ao artigo: “Une étude: la remarquable famille Schreber” publicado em *Scilicet* n. 4, Paris, Éditions du Seuil, 1973, p.287 a 321.

paranoia e de investimentos homossexuais. Eis uma passagem da carta de 6 de outubro de Freud a Ferenczi.

Depois do caso Fliess, no ultrapassamento do qual você me viu ocupado, esta necessidade se extinguiu em mim (a necessidade de total abertura da personalidade). Uma parte do investimento homossexual foi retirado e utilizado para o crescimento do meu próprio eu. Eu tive sucesso lá onde o paranoico fracassou (FREUD/FERENCZI, 1992, p.231).

Freud enxerga na demanda de Ferenczi, sua própria posição em relação a Fliess, pois ele viveu com Fliess este amor transferencial. Mas, na medida em que ele começou a construir um saber da posição de analisante, Fliess reage e não se deixa apagar como Outro do saber, sentindo-se roubado.

Somos informados por estas cartas a Ferenczi que Freud trabalhava no caso Schreber desde 1908, e que isso significava para ele trabalhar sua relação com Fliess. Seu estudo sobre as memórias de Schreber é publicado em 1911, o que significa que este projeto científico e ao mesmo tempo íntimo levou três anos para chegar a termo.

Desta última frase: “eu tive sucesso, lá onde o paranoico fracassou”, podemos deduzir que o caminho do conhecimento seria o mesmo, mas o sucesso ou o fracasso dependeria da possibilidade de compartilhar o discurso, de fazer laço social.

## BRETON: SURREALISMO E PSICANÁLISE

Freud não entendia a razão do interesse dos surrealistas por sua teoria e, no entanto, sobretudo na França, ele era muito mais apreciado pelos escritores que pelos psiquiatras (ROUDINESCO, 1988). Ele não soube reconhecer que o que lhes interessava era o trabalho de linguagem que estava em jogo na descoberta do inconsciente.

Breton como jovem estudante de psiquiatria, fazendo residência num hospital em plena guerra (1916) escreve a seu amigo Théodor Fraenkel:

*Demencia precoce, paranoia, estados crepusculares.*

*Ó poesia alemã, Freud e Kraepelin!* (BONNET, 1988, p.99)

É neste momento também que Breton encontra um soldado que, numa crise de loucura, dizia que tudo aquilo era simulação de uma guerra. Esta modalidade de delírio que coloca em tensão a realidade da guerra e o desejo de negá-la, marca profundamente Breton. Nas *Entrevistas* de 1952, ele volta a falar do valor paradigmático que este delírio terá para o que ele elabora em “Introdução ao discurso sobre o pouco de realidade” (1924b-1988).

Breton parte desta aproximação paranoica da realidade para conceber uma nova relação do sujeito com a realidade. Neste percurso que reúne poesia e loucura, uma noção se impõe ao pensamento de Breton: o automatismo. Ele abandona a

medicina e começa a aventurar-se nos confins da linguagem. A primeira experiência de escrita automática (ou registro de tudo o que vem à cabeça) é compartilhada com Philippe Soupault e terá por título *Os campos magnéticos*, livro publicado em 1919. Trancados num quarto de hotel ao lado do Pantheon, o *Hôtel des Grands Hommes*, os dois poetas vão passar horas sem comer, sem dormir e registrando todos os pensamentos sem qualquer tipo de censura. Já nesta experiência temos um estado alterado de consciência que perturba o Eu.

A escrita automática deveria levar o escritor a um estado que podemos chamar de intoxicação, e o aumento da velocidade da escrita produziria um estado alucinatório. Como sublinha Benjamin, os surrealistas estavam mais interessados no pensamento sobre a viagem do haxixe que na viagem do haxixe, ela mesma (BENJAMIN, 1929-1971). A experiência de escrita automática permite compreender que a relação do sujeito com a realidade se constrói na enunciação: “A mediocridade de nosso universo não dependeria essencialmente de nosso poder de enunciação?”, pergunta Breton em seu texto “Introdução ao discurso sobre o pouco de realidade”<sup>6</sup>. (BRETON, 1924b/1934-1992, p. 276)

Antes mesmo da escrita do Primeiro Manifesto Surrealista (1924a -1988) temos o curioso encontro de Breton com Freud. Retomo de Roudinesco a descrição deste encontro:

Num dia de outubro de 1921, ele bate à porta de Freud, muito excitado com a ideia de encontrar o inovador a quem remeteu uma carta entusiástica. Freud o recebe em seu horário vespertino e o faz aguardar em meio a seus pacientes (...) Quando chega sua vez, ele entra no célebre gabinete e se encontra diante de um velhinho sem ares de importância, que não se interessa pelo movimento dadaísta. Breton tenta animar a conversa, fala em Charcot e Babinski, mas Freud lhe responde com banalidades. Ao final este o saúda amavelmente, dizendo: “Felizmente contamos muito com a juventude”.

Breton leva anos para se refazer da decepção experimentada. Num relato enraivecido e elogioso, ele narra seu encontro em termos violentamente dadaístas: “Aos jovens e aos espíritos românticos, que por ser a psicanálise a moda deste inverno, precisam imaginar um dos escritórios mais prósperos do rastaquerismo moderno, o consultório do Dr. Freud, com aparelho para transformar coelhos em chapéus e com o determinismo cego para qualquer mata-borrão, não me aborrece informar que o maior psicólogo de nossa época mora numa casa de aparência medíocre num bairro perdido de Viena. (ROUDINESCO, 1988, p.37-38)

O argumento de Roudinesco para o fracasso deste encontro é que Freud sabia da hostilidade da França à psicanálise e ao mesmo tempo não se interessava pelos

---

<sup>6</sup> Este texto foi escrito em 1924, mas foi publicado no livro *Point du jour* em 1934

movimentos de vanguarda na Europa, nem mesmo aqueles que aconteciam em Viena. Ele buscava decididamente o reconhecimento da ciência, não dos artistas.

Retomemos agora a definição do surrealismo, aos moldes de um verbete de dicionário, proposta por Breton, no primeiro “Manifesto do surrealismo” de 1924a:

Surrealismo: n. m. Automatismo psíquico puro pelo qual propõe-se exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra forma, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética ou moral. (BRETON, 1924a p.40)

Lembremos que a noção de automatismo foi tema da tese em psiquiatria de Pierre Janet, em 1889, onde ele afirma que o automatismo é efeito de uma dissociação mental, em que a atividade psíquica não obedece ao controle da consciência. No entanto, no momento em que Breton traz a ideia do automatismo, ele não está de modo algum se apoiando em Janet, mas no processo primário de Freud, ou seja, no funcionamento “livre” do pensamento, sem o constrangimento da consciência.

Sobre esta questão da gênese da noção de automatismo psíquico na França, Sarane Alexandrian (1974) distingue duas correntes opostas: uma corrente das práticas e das doutrinas ocultistas do automatismo, da qual fazem parte o magnetismo, o espiritismo e os Rosa-Cruz, e uma outra corrente, científica representada por autores como Baillarger, Azam e Janet. Para Alexandrian o surrealismo realiza a síntese poética que resulta do processo dialético onde há uma tese ocultista e uma antítese científica.

Starobinsk (1970), por sua vez, entende que o pensamento de Breton se acomoda muito mais ao Myers do que ao de Freud. O automatismo de Breton estaria muito mais próximo do eu subliminar de Myers que do inconsciente de Freud.

Myers é um representante inglês da psiquiatria dinâmica, considerado como herdeiro do magnetismo de Mesmer. Este último foi um médico, formado em Viena, que popularizou a doutrina do magnetismo animal, que será conhecido depois como hipnotismo. Ele teve um enorme sucesso com seus tratamentos magnéticos, mas foi condenado pela Academia de Ciências e a Sociedade Real de Medicina na França ainda no século XVIII. (ROUDINESCO, 1988, p. 668)

Ellenberger (1994), na sua *História da descoberta do inconsciente*, afirma que a prática ocultista e mesmo religiosa, abre um campo de exploração do não-consciente para a psiquiatria. Na França, a prática do hipnotismo nos meios científicos, teve a influência do espiritismo.<sup>7</sup> O cenário nos países de língua alemã foi bem diferente. O próprio Freud no seu Prefácio à tradução de *Suggestion* de Bernheim, afirma: “O tema do hipnotismo tem tido uma recepção muitíssimo desfavorável entre os

---

7 Temos testemunho disto no conto O Horla de Maupassant, onde encontramos cenas de hipnotismo nas festas burguesas da sociedade parisiense.

principais expoentes da ciência médica dos países de língua alemã...” (FREUD, (1888-89/ 1986), v. I p. 118.)

Lembremos finalmente que Freud presenciou o espetáculo dos efeitos da hipnose por Charcot, mas apenas depois de sua volta para Viena, vai se iniciar, através de Breuer, numa clínica da histeria utilizando a hipnose.

Assim a proposição de Alexandrian de que o surrealismo seria uma síntese dialética da antítese entre ocultismo e ciência, nos parece ingênua. Jacqueline Chénieux-Gendron apresenta, a nosso ver, uma análise mais aguda do que estava em jogo nas práticas surrealistas. Ela mostra que nas técnicas surrealistas: sejam as escritas, faladas ou as gráficas, trata-se de colocar em questão o sujeito e o sentido de toda palavra, de toda comunicação humana. (GENDRON, 1984, p. 68)

Por outro lado, nos parece em parte justa a crítica de Starobinsk (1970) ao dizer que Breton confundia o movimento do desejo e o movimento do saber, por conseguinte, a liberação do desejo e sua interpretação. A prática psicanalítica supõe o Outro na cena. É muito diferente dizer o que se passa na cabeça **ao** outro e escrever o que se passa na cabeça **com** um outro, como foi a experiência dos *Campos magnéticos*. Por outro lado a crítica de Starobinski pode ser um pouco atenuada pelo testemunho que é a própria obra de Breton. Em suas cartas e até o momento do primeiro “Manifesto surrealista” (1924a), a referência ao procedimento da associação livre e à obra de Freud está muito presente, mesmo após o encontro malgrado.

No momento inaugural do surrealismo o primeiro paradigma se inspira na psicanálise se apoiando na associação livre, no trabalho do sonho e seus mecanismos, e em sua decifração. Ou seja, trata-se de colocar em evidência o desejo inconsciente, através do apagamento do eu conformado às normas da razão. E isto prevalece até o início dos anos trinta, quando sobrevém uma grave crise no grupo surrealista e a paranoia vem para o primeiro plano com a entrada de Dalí.

## DALÍ E A PARANOIA CRÍTICA

Dalí chega à Paris em 1928, às vésperas de uma grave crise do movimento surrealista, a de 1929. Trata-se de um momento de redefinições e de exclusões cujo resultado será a publicação de “Cadavre”, texto assinado por Bataille, Leiris, Queneau, Baron, Desnos, Prévert entre outros, e que pretendia enterrar Breton, na sua condição de líder do movimento, e com ele o surrealismo. Breton responde com seu “Segundo Manifesto Surrealista” e, neste momento, a entrada em cena de Dalí é muito bem recebida, primeiramente porque ele não participara dos acontecimentos anteriores e, além disso, chegava em companhia de Buñuel. O impacto dos filmes: “A idade do ouro” e “Um cão andaluz”, representou um novo fôlego para o movimento surrealista. Dalí chegava da Espanha todo armado com seu método paranoico-crítico para a “Conquista do irracional” (1935-1971b)<sup>8</sup>.

---

8 Retomamos aqui algo que desenvolvemos no artigo “O paradigma paranoico: surrealismo e

A partir de 1929, Dalí começa a falar de paranoia-crítica como um método para alcançar o alvo do que seria a proposição surrealista: o descrédito total da realidade. A paranoia é uma atividade de interpretação da realidade que se distingue do automatismo e do sonho, mecanismos privilegiados no primeiro *Manifesto do Surrealismo*. Dalí considerava automatismo e sonho como estados passivos e situa a paranoia no seu texto “Novas Considerações sobre o mecanismo do fenômeno paranoico do ponto de vista surrealista”, como um momento de síntese do movimento dialético iniciado por Dada. Segundo ele, o automatismo surrealista aparecia como a antítese do ativismo dadaísta. A paranoia crítica seria o momento de síntese no sentido de concretizar o projeto surrealista de forma mais ativa. Ele propõe a noção de irracional concreto que seria mais precisa do que a de irracionalidade geral extraída do aspecto delirante dos sonhos e dos resultados automáticos. (DALÍ, 1933/1971a)

Na primeira fase do surrealismo há uma aposta no encadeamento significativo, ou seja, no trabalho da linguagem onde temos o privilégio não do Eu, mas do inconsciente, do Isso fala. Dalí propõe o fortalecimento justamente do Eu, o irracional que se trata de alcançar é o irracional concreto, aquele que se apoia num sistema de razões, a razão paranoica. Este irracional não seria o mesmo dos estados delirantes do sonho e do automatismo. A irracionalidade concreta defendida por Dalí não está em antinomia com a consciência, mas ao contrário, ela é uma espécie de “hiperconsciência”. Assim Dalí busca a sistematização se afastando da fragmentação, do enigma e do ciframento do sonho.

Dalí tem uma concepção muito particular da paranoia. No texto “L’Âne Pourri” (1930), ele diferencia a crise mental que caracteriza a paranoia, da crise alucinatória. Para ele a fineza de percepção do paranoico é superior aquela das pessoas normais. Percebe-se que para Dalí a força criativa está na imagem, não no significante. Por exemplo, a imagem de um cavalo pode representar uma mulher ou um leão. Dalí insiste na ideia de que a capacidade do paranoico de mudar a forma de um objeto tomado na realidade não é da ordem da alucinação. Assim o mecanismo paranoico pode fazer aparecer novos simulacros e é isso que lhe interessa. O poder de criar imagens duplas pertence aqueles que podem utilizar metodicamente seu mecanismo paranoico.

Claude Léger comentando o texto de Dalí sugere:

Estas imagens guardam a imagem do desejo de coisas ideais, nisto elas são agalmáticas: é o ouro escondido na merda de passarinho, a idade de ouro da masturbação, do exibicionismo, do crime e do amor, a idade das teorias sexuais infantis (LÉGER, 1995, p.85)

Léger sugere, portanto, que as imagens do desejo evocadas por Dalí estão enraizadas num exercício teórico do imaginário infantil. Neste sentido os novos

---

psicanálise”.

simulacros estariam agarrados ao recalco que faz retorno. Léger se apoia portanto, na ideia da projeção.

Diferentemente, Grosrichard privilegia em Dali a questão do método de questionamento da realidade. Em “La langue de Dali: Introduction au discours de la méthode paranoïaque critique” (1987), ele começa por comparar o método de Descartes ao método surrealista de descrédito da realidade. Sugere que o método de Dali se constitui numa passagem entre a *Introdução ao discurso sobre o pouco de realidade* de Breton e o *Discurso sobre o método* de Descartes.

Em Breton, nós temos a constatação do pouco de realidade do mundo sensível. Na “Introdução ao discurso sobre o pouco de realidade”, de 1924b, identificamos uma forma bastante original de abordar a questão do Eu e da realidade como se fosse a narração de uma fábula. É ao mesmo tempo a introdução de um estilo narrativo que se desenvolve no sentido de uma auto-análise, e a introdução a um processo de desvelamento da relação do eu com a realidade. Uma ampla interrogação sobre a realidade exige um processo de desmascaramento do Eu até o seu apagamento, cuja consequência é o aparecimento do sujeito da enunciação e da descoberta da linguagem como única garantia da realidade. (GROSSI DOS SANTOS, 2002, p.243)

Em Descartes temos a impossibilidade de distinção entre real e imaginário, e isto justamente quando ele discute o argumento do sonho: as sensações não podem ser critérios de distinção. Há então conjunção dos métodos de Breton e Descartes, todos dois chegam ao descrédito da realidade. O produto resultante da aplicação do método cartesiano é o sujeito pensante enquanto que o produto do método surrealista é o sujeito inconsciente (Isso pensa).

Os surrealistas não queriam se afastar da indecidibilidade entre real e imaginário e praticavam a escrita como se eles dormissem. Por seu lado, Descartes, em plena consciência, encontra a realidade do cogito, ele é a única certeza. Então há disjunção na aplicação dos métodos. Não podemos esquecer, nos adverte Grosrichard (1987), que no processo cartesiano contra a realidade, foi necessária a hipótese do Gênio Maligno “instancia necessária para sistematizar a confusão”, hipótese que resultou do movimento hiperbólico da dúvida. Como se Descartes saísse por um momento da posição neurótica da dúvida para a posição paranoica (ainda dentro do mesmo método), perseguido por um deus diabólico que se diverte a enganá-lo. É preciso ir ao extremo da dúvida para chegar a uma certeza. Assim Grosrichard conclui que Descartes passou forçosamente pela posição paranoica.

No método de Dali não encontramos a dúvida, mas interpretação, e nos damos conta de que ele não tem necessidade de um Outro enganador; ele mesmo encarna este Gênio, maligno. Se ele não está do lado do perseguido, em que sentido Dali elege a paranoia como método? É ele quem organiza a confusão, ele não é habitado pela dúvida, ele assume a paranoia do lado do Outro perseguidor, do Outro do desejo. Como nos diz Grosrichard, Dali salva os surrealistas lhes comunicando uma fome nova, devorante. Este aspecto pulsional da pintura de Dali é reconhecido por Breton em seu comentário à primeira exposição de Dali em Paris. “Ele usa a imagem do quadro como uma grande janela pela qual nós somos

tragados”(BRETON, p.307). Segundo Grosrichard a língua de Dali evoca este Outro, e transforma a beleza convulsiva dos surrealistas em beleza comestível. De fato a obra de Dali será muito mais “palatável”, no sentido da ânsia de consumo do mundo globalizado.

O que interessa a Dali é a força de interpretação das imagens, força que poderia provocar no espectador a cena paranoica onde o desejo do Outro é interpretado. Neste sentido, Dali traz algo desta figura da alteridade ao movimento surrealista: ele é um estrangeiro que se junta ao grupo, mas curiosamente esta alteridade não se apaga, pois Dali não adere aos ideais do grupo, sobretudo aos ideais políticos. Nada do apagamento do eu em nome de um ideal coletivo. Ao contrário, Dali queria aparecer, ganhar dinheiro e desfrutar de sua glória e não tinha o menor escrúpulo em fazer o elogio dos grandes ditadores (Franco e Hitler). Foi preciso que Breton fosse buscar no jogo das letras do nome de Salvador Dali seu verdadeiro nome: Ávida Dollars. Este anagrama inventado por Breton se acomoda muito bem à figura do Outro voraz.

## LACAN E A PARANOIA

Diferentemente de Freud que começa pela histeria, Lacan começa pela paranoia. Ele era, no momento de sua tese, um psiquiatra que tentava trazer uma contribuição original ao problema da paranoia, o que significa que ele não estava convencido de que as hipóteses sobre esta afecção, nem do lado da psiquiatria, nem do lado da psicanálise, esgotavam o problema. Podemos acrescentar ainda seu interesse pelo problema da concepção da paranoia desenvolvida por Dali, tanto que foi visita-lo.

A tese de Lacan defendida em 1932, *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, é acolhida com entusiasmo pelos intelectuais de esquerda e, sobretudo, pelos surrealistas. Não é um trabalho que se contenta em se limitar ao interior do campo da psiquiatria, mas que pretende discutir as bases de uma nova ciência do psiquismo.

Fica claro que, mesmo utilizando o aparelho conceitual da psicanálise, Lacan queria ir além dela. Os surrealistas reconhecem a marca materialista das proposições de Lacan. Do ponto de vista da psiquiatria sua tese representava um anti-mecanicismo e um anti-constitucionalismo. Lacan já mostrava sua posição de não conformismo em relação a seus mestres.

Lacan tinha um volume considerável de informações sobre Aimée, pois ele a seguiu durante um ano e meio sem praticar qualquer tipo de terapia. Ele fez uma “investigação social” sobre ela e sua fonte mais preciosa foram seus escritos literários de Aimée, escritos que ela queria publicar.

Estes escritos nos informam sobre o estado mental da doente na época de sua composição, mas, sobretudo, eles nos permitem compreender certos traços de sua personalidade, de seu caráter, dos complexos afetivos e das imagens mentais que a habitam e estas fornecem um precioso material para o estudo das relações do delírio da doente com sua personalidade (LACAN, 2011, p.173-174)

Lacan utiliza neste momento o termo personalidade, é como ele inicia sua pesquisa sobre o Eu. É também uma maneira de marcar sua autonomia em relação aos mestres da psiquiatria e da psicanálise.

Aimée já havia escrito dois romances. Lacan se interessa por eles e identifica aí dois grandes temas: o de perseguição e o de grandeza. O primeiro é marcado por ideias de ciúme, de prejuízo. Sob o tema da grandeza aparece a ideia de que ela teria uma missão a cumprir na qual está implicada a escrita.

Grosrichard lembra que Lacan não acreditava que a paranoia estava escrita nos neurônios, segundo uma constituição dada e que, por esta razão, ele se perguntava se não se trataria aí de uma outra escritura:

Em outros caracteres que não os traços de caráter paranoicos, numa outra sintaxe que não aquela das sinapses? Se seu destino era legível, indecifrável para ela mesma, mas todo inteiro escrito por sua própria mão, nos textos datilografados que ela me confiou? (GROSRICHARD, 1987, p. 167).

Antes de aparecer sob a forma de delírio, a megalomania, a erotomania, a perseguição, tudo estava lá, nos romances de Aimée. Seguindo sua história, Lacan constata que durante 5 anos ela teve ideias delirantes sem, no entanto, recorrer ao ato criminoso: ela sentia a necessidade de fazer alguma coisa. A publicação de seus romances teria podido acalmar esta necessidade. Segundo Lacan, seu último recurso consistiu na escrita das cartas assinadas e endereçadas ao príncipe de Gales.

Ela traz seu crime à cena pública se mostrando culpada de desejar fora da lei. Como nota Grosrichard, “esta culpabilidade inconsciente que governava em segredo o delírio, buscava, já, com um certo estilo, a se fazer publicar nos seus escritos que eram inéditos antes de se tornarem públicos justamente, com o crime.” (GROSRICHARD, 1987a, p. 170)

Efetivamente o crime tem um sentido social e este aspecto é bem evidente na leitura que Lacan faz do caso. A resposta das instituições face ao crime, a prisão, foi importante para o desenvolvimento da doença. É a natureza da cura que mostra a natureza da doença, ou seja, se a punição acalma, podemos supor então a presença de uma paranoia de auto-punição. Esta nomeação não deixa de ser inusitada se consideramos a posição típica do sujeito paranoico: a inocência. O paranoico denuncia o outro, sua maldade, seu desejo destrutivo do qual ele se defende. O paranoico tenta atingir esse mau no outro. O que este caso nos ensina é que as grandes classificações psiquiátricas não apagam a singularidade do sujeito, no seu modo de construir e sustentar um eu (uma personalidade) que possa responder socialmente por sua dimensão de *ser falante*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRIAN, S. *Le surréalisme et le rêve*. Paris: Gallimard, 1974.

- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- BENJAMIN, W. « Le surréalisme » in *Oeuvres 1 Mythe et violence*, Paris : Denoël, p 297-314.
- BONNET, M. *André Breton Naissance de l'aventure surréaliste*. Paris: Libraire José Corti, 1988.
- BRETON, A. « Manifesto do Surrealismo » 1924a, *Manifestos do surrealismo*. Rio de Janeiro: nau Editora, 1971, u p. 13-64.
- \_\_\_\_\_ « Introduction au discours sur le peu de réalité » 1924b, in *Point du jour, Oeuvres Complètes II*. Bibliothèque de la Pléiade, Paris: Gallimard, 1992, p. 265-280.
- \_\_\_\_\_ « Première exposition Dali » in *Point du jour, Oeuvres Complètes II*. Bibliothèque de la Pléiade, Paris: Gallimard, 1992, p. 307-309.
- CHÉNIEUX-GENDRON, J., *Le Surréalisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.
- DALI, S. « L'Âne Pourri » (1930), *Oui 1 L'Archangelisme scientifique*. Paris : Denoël, 1971a, p. 20-25.
- \_\_\_\_\_ « Nouvelles considérations sur le mécanisme paranoïaque du point de vue surréaliste » (1933), *Oui 2 L'Archangelisme scientifique*, Paris : Denoël, 1971a, p.7-14.
- \_\_\_\_\_ « La Conquête de l'irrationnel », (1935) *Oui 2 L'Archangelisme scientifique*. Paris : Denoël, 1971b, p.55-68.
- ELLENBERGER, H. *Histoire de la découverte de l'inconscient*, Paris: Fayard, 1994.
- FREUD, S. A Interpretação de sonhos (parte I). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.123-252.
- FREUD-FERENCZI. *Correspondance* Tome I 1908-1914. Paris : Calmann-Lévy, 1992.
- GROSRICHARD, A. « La langue de Dali, introduction au discours de la de la méthode paranoïaque ». *Regards sur Minotaure*, Publication du Musée d'art et d'histoire, Genève, 1987, p.121-138.
- \_\_\_\_\_. « Dr. Lacan, Minotaure, surréalistes rencontres ». *Regards sur Minotaure*, Publication du Musée d'art et d'histoire, Genève, 1987, p. 159-174.
- GROSSI DOS SANTOS, L. “O paradigma paranoico : surrealismo e psicanálise”. *Curinga*, Confins do simbólico, n. 32, Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise- Seção Minas Gerais, junho de 2011, p.63-72.
- \_\_\_\_\_ “A experiência surrealista da linguagem: Breton e a psicanálise”. *Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica*, vol. V n. 2, Programa de pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da UFRJ. Rio de Janeiro: Contra-Capa, julho-dezembro de 2002, p.229-246.

LACAN, J. Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade seguido de Primeiros escritos sobre a paranoia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

MANNONI, Octave. L'analyse originelle. *Clefs pour l'imaginaire* ou L'Autre scène. Paris: Seuil, 1969.

ROUDINESCO, É. *História da Psicanálise na França*, vol. 2: 1925-1985. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

SCHREBER, D.P. *Memórias de um doente dos nervos*. (tradução e Introdução de Marilene Carone). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

STAROBINSKI, J. "Freud, Breton, Myers". *André Breton* Essais recueillis par Marc Eigeldinger, Éditions Bachelard-Neuchâtel, Suisse, 1970, p. 153-171.